

Um capítulo à parte: Joaquim Norberto e a escrita da história da literatura brasileira

Janaína Senna

[...] mas o tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais sutil obra deste mundo, e acaso do outro.

Machado de Assis. *Esau e Jacó*.

Quando se pretende estudar as origens da história da literatura brasileira, Joaquim Norberto de Sousa Silva merece realmente figurar como *um capítulo à parte*. O seu nome consta de quase todos os textos que tratam do século XIX brasileiro, e, é bom frisar, não apenas quando se trata de literatura. Paradoxalmente, porém, só a partir da segunda metade da década de 1990 começam a surgir alguns estudos que efetivamente se voltam para o seu trabalho, até mesmo reeditando textos seus, como é o caso de José Américo Miranda, Maria Eunice Moreira, Regina Zilberman, Maria Cecília Boechat e Roberto Acízelo Quelha de Sousa.¹

Na verdade, a importância que se atribui a Joaquim Norberto parece ter ficado cristalizada na apreciação que dele faz Silvio Romero, na *História da literatura brasileira*, e que se tornou um verdadeiro chavão, indefinidamente repetido por todos aqueles que se referem a esse pesquisador:

N'esta esfera [da história e da crítica literárias] o primeiro elogio que lhe faço é o seguinte: hoje é impossível escrever a história, principalmente a história litteraria do Brasil, sem

¹ MIRANDA, José Américo. Apresentação. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Bosquejo da história da poesia brasileira*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997. p. 9-15 (1 ed. 1841); MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (Org.). *O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998; MIRANDA, José Américo; BOECHAT, Maria Cecília (Ed.). *Capítulos de história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001; SOUZA, Roberto A. Quelha de. Apresentação. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da literatura brasileira e outros ensaios*. Organização e notas de Roberto Acízelo Quelha de Souza. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor,

2002. p. 13-31; MOREIRA, M. E.; SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de; MIRANDA, José Américo. *Crítica reunida (1852-1890)*: Joaquim Norberto de Sousa Silva. 1. ed. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

² ROMERO, Silvío. *História da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. p. 84-85 (1. ed. 1888). Veja-se, por exemplo: PARANHOS, Haroldo. *História do romantismo no Brasil: 1830-1850*. São Paulo: Cultura Brasileira, 1930-1937; MIRANDA, José Américo. Apresentação, p. 10; CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Silvío Romero*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1988; MOREIRA, Maria Eunice. Um rato de arquivo: Joaquim Norberto de Sousa Silva e a história da literatura brasileira. In: — (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003; PEIXOTO, Almir Câmara de Matos. *Direção em crítica literária: Joaquim Norberto de Sousa Silva e seus críticos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1951. Observe-se que esta última é a única obra dedicada a Joaquim Norberto anterior à década de 1990. Mas o trabalho desse autor busca apenas demolir os argumentos dos supostos detratores de Norberto, quais sejam, Romero, Veríssimo e Ronald de Carvalho, três autores de histórias da literatura.

recorrer às publicações d'este laborioso escriptor.² Provavelmente os dois pólos desse paradoxo se assentam sobre as mesmas razões: tanto a freqüência com que Joaquim Norberto é mencionado quanto o silêncio em que a sua obra esteve mergulhada por tanto tempo podem estar diretamente ligados ao fato de ele ter sido um pesquisador incansável, que abordou um leque bem variado de assuntos, mas cuja produção impressa é bastante assistemática. Ou, para usar as palavras de José Veríssimo, “as suas numerosas contribuições” – “geralmente relevantes”, acrescenta o crítico – encontram-se “na maior parte avulsas e dispersas em prefácios, revistas e jornais”.³

Alguns títulos publicados por Joaquim Norberto, entre outros tantos, dão uma boa noção da sua qualidade de polígrafo. Além da produção ficcional, tanto em poesia quanto em prosa, ele é o autor de uma *Memória histórica e documentada das aldeias dos índios da província do Rio de Janeiro*, de 1856, da obra biográfica *Brasileiras célebres*, de 1862, das *Investigações sobre os recenseamentos da população geral do Império e de cada província de per si, tentados desde os tempos coloniais até hoje*, dado à luz em 1870, da célebre *História da Conjuracão Mineira*, publicado em 1873, de *Galicismos, palavras e frases da língua francesa introduzidas por descuido, ignorância ou necessidade na língua portuguesa*, de 1877, dos *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*, de 1888.

A seu respeito, escrevia Haroldo Paranhos, na *História do romantismo brasileiro*, reproduzindo com bastante fidelidade a avaliação feita anteriormente por José Veríssimo, na *História da literatura brasileira*:

Quem estudar a historia da literatura brasileira terá de encontrar a cada passo o nome de um homem cuja actividade intelectual foi uma das mais admiraveis que o Brasil tem possuído. Este homem operoso e inteligente, foi Joaquim Norberto de Souza e Silva [sic]. Depois de Francisco Adolfo

de Varnhagen, foi Joaquim Norberto quem mais trabalhou e mais escreveu sobre a literatura em nosso país, nesta fase do romantismo.⁴

A melhor síntese dessa onipresença de Norberto no panorama intelectual do Brasil oitocentista se encontra decerto em *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. Avaliando o que chama de esforço para tentar elaborar uma história da literatura nacional, Candido estabelece três etapas sucessivas, a primeira das quais se caracterizaria pelo “panorama geral [...] visando a traçar rapidamente o passado literário”, e se acompanha da “antologia dos poucos textos disponíveis”.⁵ A segunda etapa seria marcada pela observação mais detida de cada autor, juntamente com “um incremento de interesse pelos textos, que se desejam mais completos”; é a fase das “biografias literárias, reunidas em ‘galerias’, em ‘panteões’”, lado a lado com “as edições, reedições, acompanhadas geralmente de notas explicativas e informação biográfica”.⁶ Enfim, a terceira dessas etapas representaria “a tentativa de elaborar a história, o livro documentado, construído sobre os elementos citados”.⁷

Candido prossegue ainda fazendo uma listagem sumária dos nomes ligados a tal esforço em suas diversas fases e efetivas produções, e conclui que “[n]esse processo, avulta a figura exemplar de Norberto, que viveu todas as suas etapas, formando a ligação viva entre os esboços iniciais e a realização de Silvio Romero, cujo precursor sem dúvida foi”.⁸

Além disso, se os trabalhos de Januário da Cunha Barbosa e de João Manuel Pereira da Silva⁹ receberam críticas, até por parte dos seus contemporâneos, em função das imprecisões e das lacunas que apresentavam, o mesmo não se dá com as obras de Joaquim Norberto. Quaisquer que sejam as críticas feitas aos seus estudos, elas raramente incidirão sobre esse aspecto; pelo contrário, a afirmação categórica acerca do seu cuidado, das investigações conscienciosas que teria realizado é praticamente unânime. É ainda Paranhos quem observa que “em tudo o que escreveu, caracterizou-se Joa-

³ VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Paris: Aillaud & Bertrand, 1929. p. 22. 1. ed. 1916.

⁴ PARANHOS, Haroldo. *História do romantismo no Brasil: 1830-1850*. São Paulo: Cultura Brasileira, 1930-1937. p. 166.

⁵ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975. v. 2, p. 349. 1. ed. 1959.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*, p. 350.

⁹ BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro, ou collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1829-1832. 2 v.; e SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso brasileiro, ou selecção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brazil precedida de uma introdução historica e biographica sobre a litteratura brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1843-1848. 2 v.

¹⁰ PARANHOS, Haroldo. *História do romantismo no Brasil: 1830-1850*, p. 178.

¹¹ *Ibid.*, p. 176.

¹² *Ibid.*

¹³ SOUZA, Roberto A. Quelha de. Apresentação. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da literatura brasileira e outros ensaios*. p. 16.

quim Norberto por um rigoroso escrupulo na averiguação de factos e datas, uma grande probidade nas informações que prestava, e certa preocupação em provar a origem do que afirmava”.¹⁰

Referindo-se a várias de suas obras, todas elas “merecedor[a]s de absoluta confiança”, o autor da *História do romantismo brasileiro* destaca, como um bom exemplo do trabalho desse “pesquisador honesto e cuidadoso”, a sua *História da Conjuração Mineira*.¹¹ Esse livro, elaborado a partir da observação dos *Autos da Devassa* e de outros documentos relativos à Inconfidência é, segundo Paranhos, “apenas narrativo [...], limita-se a contar, mas a contar a verdade, o que aliás não é pouco numa época em que os Januaros e Pereiras da Silva enchiam a historia de invencionices e mentiras”.¹² Ora, pouco importa que Haroldo Paranhos acredite piamente na *verdade* daquilo que é fundamentado em documentos e enunciado por um autor *honesto*. O interesse do seu depoimento está em mostrar que não é raro se atribuir a Joaquim Norberto uma posição distinta dos demais *litteratos* seus contemporâneos.

No entanto, para o objetivo visado por meu trabalho, esse lugar à parte atribuído a Joaquim Norberto de Sousa Silva segue outra trilha e está diretamente vinculado a dois focos de sua atividade intelectual. Por um lado, ele tentou fazer uma história da literatura brasileira, mais de 30 anos antes da primeira que foi efetivamente publicada; por outro lado, elaborou, em parceria com Émile Adêt, uma antologia poética que, em geral, é mencionada apenas de passagem. É o que acontece, por exemplo, na recente edição de diversos textos seus feita por Roberto Acízelo de Souza. A primeira parte da “Apresentação” se encerra com um breve parágrafo em que o editor “mencion[a] uma última vertente do [...] trabalho” de Joaquim Norberto “como historiador da literatura: a organização de antologias”.¹³

Da história da literatura brasileira que Norberto não concluiu, o que chegou até nós foram alguns capítulos publicados na *Revista Popular* e o prospecto da obra, inserido em nota da redação desse periódico, juntamente com o capítulo 3 do volume 1. O conjunto

da obra deveria se apresentar em cinco volumes. O volume 1, intitulado “Introdução histórica”, seria composto de quatro capítulos, todos eles publicados por essa revista.¹⁴ O volume 2, dedicado ao “Século 1º (1500)”, também deveria conter quatro capítulos, dois dos quais estão publicados na *Revista Popular*.¹⁵ Os demais volumes, dados como inéditos por essa nota da redação, seriam dedicados, respectivamente, aos “Século 2º (1600)”, “Século 3º (1700)” e “Século 4º (1800)”.

Quando se leva em conta que o último texto efetivamente apresentado como um capítulo dessa obra é publicado em 1862; e que, no ano seguinte, viria à luz *O Brasil literário*, de Ferdinand Wolf, apadrinhado pelo próprio imperador, o que se verifica é que é bastante plausível a hipótese proposta por Regina Zilberman de que esse livro teria sido o motivo que levou Norberto a desistir de seu projeto original.¹⁶ Aliás, Wolf se refere ao trabalho do brasileiro em nota relativa a um trecho do seu prefácio, em que lamenta o fato de os europeus desconhecerem a literatura que se produz neste país, e de não existir uma história da nossa literatura que pudesse remediar tal lacuna:

É verdade que Joaquim Norberto de Souza Silva, cujos estudos o tornam muito rapaz [sic] de semelhante empreendimento, há muito que trabalha em uma história da literatura brasileira, mas até agora não publicou mais que alguns fragmentos.¹⁷

Já pelo referido prospecto dessa sua obra, é possível notar a diferença existente entre as épocas literárias em que Joaquim Norberto pretendia dividir a sua história da literatura e aquelas que ele mesmo havia proposto, cerca de 20 anos antes, no “Bosquejo da história da poesia brasileira”, que serve de introdução às *Modulações poéticas*, de 1841. Segundo esse seu texto, a literatura brasileira deveria ser dividida em seis épocas, a primeira das quais abrangendo os séculos XVI e XVII. A partir da segunda época, a divisão se tornava bem

¹⁴ Cap. 1 – Introdução histórica sobre a literatura brasileira (parte 1, *Revista Popular*, n. 4, p. 357-364, 1859; parte 2, n. 5, 1860, p. 21-33); Cap. 2 – Nacionalidade da literatura brasileira (parte 1, *RP*, n. 6, p. 298-301, 1860; parte 2, n. 7, p. 105-112, 1860; parte 3, *ibid.*, p. 153-163; parte 4, *ibid.*, p. 201-208; parte 5, *ibid.*, p. 286-291); Cap. 3 – Inspiração que oferece a natureza do Novo Mundo a seus poetas, e particularmente o Brasil (parte 1, *RP*, n. 16, p. 261-269, 1862; parte 2, *ibid.*, p. 344-351); Cap. 4 – Originalidade da literatura brasileira (parte 1, *RP*, n. 9, p. 160-173, 1861; parte 2, *ibid.*, p. 193-200).

¹⁵ Cap. 1 – Tendência dos selvagens brasileiros para a poesia (1859, p. 343-357); Cap. 2 – Catequese e instrução dos selvagens brasileiros pelos jesuítas (1859, p. 287-303); Cap. 3 – Da língua portuguesa; Cap. 4 – Da literatura portuguesa (ambos inéditos).

¹⁶ A este respeito, cf. SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. Identidade nacional e história da literatura: a contribuição de Joaquim Norberto. In: JOBIM, José L. (Org.). *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 18, nota 3.

¹⁷ WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário*. Tradução de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Companhia

Editora Nacional, 1955. p. 4. 1. ed. 1863.

¹⁸ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Introdução histórica sobre a literatura brasileira: parte 2. In: _____. *História da literatura brasileira e outros ensaios*, p. 51-52 (1. ed. 1859). Vale assinalar que, em nota à introdução ao seu *O Brasil literário*, Ferdinand Wolf declara ainda ter adotado a divisão proposta por Norberto nas *Modulações poéticas*, com uma única ressalva: a de ter fundido “o 4º e o 5º períodos num só” (p. 8).

¹⁹ *Ibid.*, p. 53.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*, p. 52.

²² *Ibid.*

mais minuciosa, pois que esta compreendia “do começo até meado do século 18”, ao passo que a segunda metade desse mesmo século já constituiria a terceira época, “em que as tendências para a poesia nacional se desenvolvem”. As três épocas restantes, como se pode ver, referem-se ao século XIX: “a 4ª abraça o começo [desse século] até ao momento da independência nacional [...]. A 5ª é a época da independência [...]. A 6ª época é a da reforma da poesia e do engrandecimento da literatura nacional”.¹⁸

Bem ao seu estilo, porém, Joaquim Norberto chama a atenção do leitor para a diferença entre as suas duas propostas de periodização, justificando, por dois motivos distintos, essa mudança de perspectiva. Em primeiro lugar, alega o que chama de “demasiado rigorismo da [sua] parte”, classificando como épocas diversas “as menores evoluções, que na verdade não eram mais do que modificações ou transições de uma para a outra”.¹⁹ Em segundo lugar, afirma que, “levado por novas considerações”, teria concluído que, enquanto “meras divisões históricas”, as épocas literárias são “difíceis de reter na memória com todos os autores que nelas aparecem, o que não sucede quando nos referimos à divisão cronológica”.²⁰

No entanto, uma comparação mais atenta entre as duas periodizações propostas por esse autor pode render algumas observações interessantes. Na “Introdução histórica sobre a literatura brasileira”, ele afirma que, “na divisão das épocas que apresentou [nas *Modulações poéticas*], não t[e]ve unicamente à vista os fatos da história política”,²¹ o que não deixa de ser verdade quando se considera que a sexta época por ele proposta compreende a “reforma da poesia” e o “engrandecimento da literatura nacional”,²² ou seja, a introdução da chamada escola romântica no Brasil. Parecendo demonstrar o cuidado de sempre, porém, Norberto não se furtou a assinalar para o seu leitor, graças ao advérbio *unicamente*, que tais fatos da história política constituíram a base mesma daquela periodização. Ao reservar uma época para a Independência do país, ele fez desse momento um corte significativo na história da sua literatura, corte este que não apenas representaria uma fase em si, mas também serviria de

fecho para aquela que a precedeu e permitiria que uma nova era se instalasse.

²³ *Ibid.*, p. 53.

Por um lado, é preciso destacar que, embora Joaquim Norberto se refira à divisão cronológica como a marca distintiva entre as duas versões que propõe para as fases da história da literatura brasileira, a periodização apresentada em sua obra dos anos 1840 também se articula pela cronologia. Por outro lado, nessa nova versão proposta, os fatos da história política do país não deixam de pontuar o traçado da história da sua literatura. É o que se depreende, por exemplo, do cotejo de dois trechos bastante próximos nesse seu texto introdutório. “Não começo a história da literatura brasileira unicamente a datar do século décimo-sétimo”, escreve ele, “remonto-me aos primeiros anos do descobrimento”.²³ Pouco adiante, o leitor vai encontrar a seguinte afirmação: “Os autores brasileiros começaram de aparecer no começo do século décimo-sétimo”.²⁴ Ou seja, na visão de Norberto, a história da nossa literatura preexistiria ao surgimento de seus autores, sua origem coincidindo antes com aquela que seria a do próprio país.

²⁴ *Ibid.*, p. 54.

²⁵ *Ibid.*, p. 49.

Não se pode negar, contudo, que a divisão por séculos representa um afastamento maior entre essas duas realidades históricas, a literária e a política. Afastamento este que, a julgar pelo que escreve o próprio autor, ultrapassa os limites da obra que ele começava a publicar com este texto. “Nada ainda se tem decidido acerca da divisão das épocas da nossa história política”, afirma Norberto, acrescentando logo a seguir: “Outro tanto se tem dado quanto à história literária”.²⁵ Curiosamente, porém, o autor abandona os critérios que se poderiam chamar de propriamente literários, e que se insinuavam de forma mais incisiva na sua primeira proposta de periodização, para adotar uma divisão que, de certa forma, desconsidera tanto fatos históricos quanto fatos estéticos. Dentro do escaninho de um século, seriam arrolados todos aqueles que houvessem produzido nesse período, independentemente das diferenças existentes entre as suas obras. Tudo isso em nome de uma suposta eficácia

²⁶ Ibid., p. 48.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid., p. 48-49, grifos meus.

²⁹ Ibid., p. 49.

mnemônica, graças à qual autores e obras seriam mais facilmente *retidos na memória* do público leitor.

Para Joaquim Norberto, então, ao que tudo indica, a memória está estreitamente vinculada à ordenação cronológica, dispensando qualquer critério de apreciação artística. Tal tarefa seria da competência da crítica, ao passo que

não cabe à história, dedicada a assinalar os progressos ou a decadência da literatura de um povo, [...] essa missão severa [...] de [...] descer a esquadrinhar imperfeições para vir analisá-las com a importância e severidade dos gramáticos e filólogos.²⁶

Autores “pouco dignos de comparecer ante o tribunal da posteridade”, e que decerto não mereceriam um estudo do Norberto crítico literário, vão ter contudo lugar garantido na sua história da literatura brasileira, pois, como ele próprio afirma, “eles não devem ser excluídos e ficar como que sepultados no esquecimento”.²⁷ Tanto mais que, uma vez que se trata de “autores das primeiras épocas”, Joaquim Norberto faz questão de frisar, invocando, para tanto, o testemunho de algumas autoridades que o seu tempo considerava incontestáveis – os srs. Ferdinand Denis e Gonçalves de Magalhães –, que cabe a esses poetas “o mérito de servirem de *ponto de partida* da nossa literatura”.²⁸ E, no intuito de deixar bem claro que a história aí relatada assinala “progressos”, e não “decadência”, para usar os seus próprios termos, Norberto recorre ainda ao depoimento de um redator da *Revue Britannique*, segundo o qual tais autores “pateavam em suas obras, embora não fossem primores, uma literatura cujo horizonte se ia dilatando todos os dias”.²⁹

Difícil resistir à tentação de referir um exemplo de autor apontado como “fato histórico”, independentemente de seu valor literário, exemplo este que permite ainda que se perceba bastante bem uma característica da escrita de Norberto: uma espécie de *plágio* de si mesmo.

No “Bosquejo”, referindo-se à “primeira época” da história da literatura brasileira, que compreenderia “desde o descobrimento do Brasil até fins do século XVII”,³⁰ Norberto escreve:

O primeiro de nossos literatos, segundo a ordem cronológica que observamos, é Bento Teixeira Pinto [...], autor do *Diálogos das grandezas do Brasil* [sic] [...]; de um poema intitulado *Prosopopéia* [...] e da *Relação do naufrágio* [...]. De todas as suas obras apenas pudemos ver esta última, e o único mérito que lhe damos é o ser ela produção do mais antigo literato do Brasil [...].³¹

Já no texto introdutório ao *Mosaico poético*, o leitor vai encontrar a seguinte passagem:

Bento Teixeira Pinto, o primeiro de nossos litteratos, segundo a ordem chronologica, é autor do *Dialogo das Grandezas do Brasil* [sic] [...]; do poema *Prosopopéa* [...], e da *Relação do Naufragio* [...]. De todas as suas obras apenas podêmos ver esta ultima, e o unico merito que lhe damos é o ser ella producção do mais antigo litterato do Brasil.³²

E, um ano antes, no artigo “Estudos sobre a literatura brasileira durante o século XVII”, publicado na *Minerva Brasiliense*, Norberto havia escrito:

O primeiro de nossos literatos, segundo a ordem cronológica, é Bento Ferreira Pinto [sic] [...], tanto se deixou seduzir das riquezas do pátrio ninho que escreveu o *Diálogo das grandezas do Brasil entre dois interlocutores, Brandônio e Alviano* [...].

Recolhido a Lisboa publicou o seu poema *Prosopopéia* [...] e, [...] compôs a *Relação do naufrágio* [...].

³⁰ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Modulações Poéticas*. [1. ed. 1841]. In: MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (Org.). *O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 107.

³¹ *Ibid.*, p. 108-109. O autor do *Diálogo das grandezas do Brasil* é Ambrósio Fernandes Brandão, e a *Relação do naufrágio* é de autoria de Afonso Luís. Cf. SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. Apresentação, p. 233, nota 298; p. 234, nota 299. Acrescente-se ainda que, segundo consta, o autor da *Prosopopéia* chamava-se apenas Bento Teixeira, embora todos os antologistas do século XIX a ele se refiram com o segundo sobrenome. Cf. CUNHA, Celso; DURVAL, Carlos. Introdução. In: TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéia*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977.

³² SILVA, Joaquim Norberto de Sousa; ADÊT, Émile. *Mosaico poético, poesias brasileiras antigas e modernas, raras e inéditas, acompanhadas de notas, notícias biográficas e críticas, e de uma introdução sobre a litteratura na-*

cional. Rio de Janeiro: Tipografia de Berthe e Haring, 1844. p. 10.

³³ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Estudos sobre a literatura brasileira durante o século XVII. (1843). In: _____. *História da literatura brasileira e outros ensaios*, p. 233-234.

³⁴ SOUZA, Roberto A. Quelha de. Apresentação. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da literatura brasileira e outros ensaios*, p. 16.

³⁵ *Ibid.*, p. 17, nota 2.

³⁶ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa; ADÉT, Émile. *Mosaico poético*, p. 11.

De todas as suas obras apenas podemos ver esta última, e o único mérito que lhe damos é o ser ela produção do mais antigo literato do Brasil.³³

No *Mosaico poético*, única obra que constituiria aquilo que Roberto Acízelo chamou de outra “vertente” do trabalho do Norberto historiador da literatura,³⁴ o leitor vai encontrar mais um exemplo flagrante da escrita *plagiária* desse autor. Aliás, é o próprio Acízelo quem chama a atenção para o fato de se encontrarem “várias passagens” dos textos introdutórios do *Mosaico* “em outros ensaios” de Joaquim Norberto.³⁵ Não se trata, porém, de um ou outro trecho repetido aqui e ali; o texto que efetivamente leva o título de “Introdução” é um verdadeiro condensado do “Bosquejo”, com pouquíssimas alterações. Como se pode ver pelos segmentos citados abaixo, de um modo geral Norberto se limita a fazer cortes para reduzir a extensão de alguns períodos e orações ou, ainda, suprimir detalhes a fim de simplificar algumas passagens, chegando a abreviar, ou até mesmo a eliminar, prenomes e sobrenomes menos conhecidos dos autores a que se refere. Além disso, faz uma curiosa alteração de tempos verbais, transpondo, por assim dizer, literalmente, um discurso enunciado no passado – o de 1841 – para o presente – o de 1844 –, o que talvez possa ser ainda considerado uma estratégia para deixar o que se relata mais próximo daquele que lê:

No começo do seculo presente grandes poetas apparecem, mas ainda embebidos nas idéas do paganismo, e comtudo ja Caldas e S. Carlos reconhecem a necessidade da reforma da poesia brasileira; abalançam-se a outra fonte mais pura e menos profanada a beber inspirações; e nos cantos de Tenreiro Aranha, de Mello Franco, de Fonseca e outros vislumbam a espaços os clarões que scintila atravez da treva da tyrannia o facho da independencia [sic] da nação.³⁶

No começo do século presente grandes poetas apareceram, mas ainda embebidos nas idéias do grego politeísmo, e con-

tudo já Caldas e S. Carlos reconheciam a necessidade da reforma da poesia brasileira; abalançavam-se a outra fonte mais pura e menos profanada a beber inspirações; e foram eles porventura em nossa pátria o crepúsculo desse grande dia que vem raiando, e nos cantos de um Tenreiro Aranha, de um Melo Franco, de um João Batista da Fonseca e de outros vislumbravam a espaços os clarões que cintilava através da treva da tirania o facho de nossa liberdade, independência e glória.³⁷

Independentemente desse sistema de reproduções fiéis, quem quer que conheça um pouco da obra de Joaquim Norberto, e comece a ler o *Mosaico poético*, poderá identificar aí o traço característico da escrita desse autor, apesar de se tratar de uma antologia oficialmente produzida em parceria com Émile Adêt. À primeira vista, o texto que abre e apresenta esse livro, como ocorre com todas as obras desse gênero, apenas busca justificar a sua realização. Por seu turno, pelo simples fato de ser uma espécie de versão resumida do “Bosquejo”, a introdução fornece, em linhas gerais que seja, uma perspectiva histórica da poesia brasileira, o que o próprio Norberto trata, aliás, de explicitar. No entanto, é provavelmente nas notas que os tão propalados *cuidados* desse pesquisador se revelam de forma mais nítida.

Um terço das 75 notas apostas aos 130 poemas reunidos nessa coletânea indica que se trata de composição inédita, dado perfeitamente coerente com o projeto dos autores, exposto no próprio título da obra: *Mosaico poético, poesias brasileiras antigas e modernas, raras e ineditas, acompanhadas de notas, notícias biographicas e criticas, e de uma introdução sobre a litteratura nacional*. Entre as demais, algumas se limitam a explicitar figuras de linguagem encontradas em tal ou qual poema; outras tantas fornecem ao leitor as circunstâncias da composição ou da primeira apresentação pública da obra; outras, ainda, destinam-se a identificar personagens, episódios ou até referências geográficas.

³⁷ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Modulações poéticas*, p. 299. É no mínimo curioso que, entre todos os que elogiam a seriedade do trabalho de Joaquim Norberto – ou mesmo Antonio Candido, que a ele se refere simplesmente como *esforçado* (*O método crítico de Sílvia Romero*, p. 21) – não se encontre nenhuma menção ao fato de ele reaproveitar textos seus ou até fazer verdadeiras colagens de citações alheias, a não ser a já citada observação de Roberto Acízelo de Souza (cf. capítulos 2, 3 e 4 do v. 1 da *História da literatura brasileira*).

³⁸ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa; ADÊT, Émile. *Mosaico poético*, p. 43, nota 24.

³⁹ *Ibid.*, p. 148, nota 53.

Cinco notas, porém, não se enquadram em nenhum desses casos. Numa delas, referindo-se à ode “A Afonso de Albuquerque”, de Vidal de Barbosa, os autores esclarecem, sem maiores detalhes, que a versão por eles publicada difere daquela contida tanto no *Parnaso brasileiro*, de Januário da Cunha Barbosa, quanto no de Pereira da Silva, pois teriam optado por “segu[ir] a lição da *Colleccção de poesias ineditas dos melhores autores portuguezes*”.³⁸ Esta é, aliás, a única nota que revelaria um certo cuidado de Norberto e Adêt com o estabelecimento do texto, cotejando, para tanto, diferentes versões de um mesmo poema.

Duas outras notas apresentam precisões quanto à definição dos termos botânicos *cálice*, *corola* e *pétala*, e trazem a referência bibliográfica de onde os autores extraíram tais definições. A segunda dessas notas, ademais, descamba para uma espécie de discussão filológica tão inflamada que o emissor do discurso, esquecendo-se de que a obra é assinada por dois autores, chega a adotar a primeira pessoa do singular:

Eu sei que algumas pessoas traduzem a palavra *petalum* por pétalo; mas os que reflectirem, que traduzimos *folium* por folha, e que *petalum* é uma folha da corolla, certamente reconheceram, que é mais conforme ao genio da lingua portugueza dizer petala, do que petalo. O Dr. Tavares, lente da Universidade de Coimbra, usa da palavra petalo, por petala.³⁹

As duas notas restantes seriam, de certa forma, dispensáveis. A primeira delas transcreve uma observação elogiosa feita ao poeta Antônio Gomes Ferrão Castilho por Balthazar da Silva Lisboa, em *Memória das poesias illustres da Bahia*. Ora, Ferrão Castilho é justamente um dos autores – e não são muitos, na verdade, apenas sete – que mereceu uma das breves notícias incluídas no *Mosaico poético*. E, no seu texto introdutório, os antologistas afirmam que tais “breves noticias”, destinadas a dar “a conhecer a vida desses Bra-

sileiros illustres e suas obras”, são “biographicas e criticas”.⁴⁰ Seria de se esperar, portanto, que qualquer apreciação crítica feita a esse poeta fosse inserida no texto que a ele se refere e que se encontra nas páginas 46 e 47.

Caso semelhante é o que ocorre com Delfina Benigna da Cunha. Em vez de incluir no corpo de sua antologia uma notícia biográfica relativa a essa poeta gaúcha, os autores fornecem informações sumárias a seu respeito em nota aposta a um soneto seu, que faz alusão à sua deficiência visual. O mais curioso, porém, é que tal passagem, como se pode ver pelas transcrições a seguir, é tirada quase *ipsis litteris* do *Parnaso brasileiro*, de Januário da Cunha Barbosa; mas, desta feita, ao contrário do que se viu com relação aos termos botânicos, a citação não é apresentada enquanto tal, o que não condiz em absoluto com a imagem de probidade intelectual geralmente atribuída a Joaquim Norberto.

Huma Senhora, cega desde a idade de dous annos, versejando na de 12, com bastantes conhecimentos sobre a Historia, e outros ramos Philologicos, he sem duvida hum assombro.⁴¹

A autora, cega desde a idade de dous annos e versejando desde a de doze com bastante conhecimento da historia e outros ramos philologicos, é sem duvida um assombro!⁴²

Decididamente, o *Mosaico poético* reserva algumas boas surpresas para o leitor de hoje, que, em geral, tem do seu autor brasileiro a imagem traçada a partir, principalmente, da já referida apreciação de Silvio Romero. E uma dessas surpresas fica justamente por conta das tais notícias biográficas e críticas, as quais, além de serem em número muito reduzido, não contribuem em nada para corrigir as deficiências apontadas tanto no trabalho de Januário da Cunha Barbosa quanto no de Pereira da Silva. Situação que se agrava ainda quando se considera que um dos legados mais importantes de Nor-

⁴⁰ *Ibid.*, p. 7.

⁴¹ BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso Brasileiro, ou colleção das melhores poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*, caderno 4, p. 26.

⁴² SILVA, Joaquim Norberto de Sousa; ADÈT, Émile. *Mosaico poético*, p. 154, nota 58.

⁴³ Cf. folha de rosto de: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Obras poéticas de Ignacio José de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Garnier, 1865.

⁴⁴ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa; ADÊT, Émile. *Mosaico poético*, p. 42.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 50.

berto teriam sido as edições das obras de diversos poetas brasileiros, realizadas na década de 1860, todas elas “precedidas do juízo crítico de escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia sobre o auctor e seus escriptos”.⁴³

Dois breves textos pretensamente biográficos, incluídos no *Mosaico*, merecem decerto algum destaque, visto que evidenciam a inexistência de um critério que determinasse que autor mereceria ou não uma dessas notícias.

Antonio Ferreira Mendes, que viveu pelos primeiros annos do seculo decimo oitavo, seguiu a profissão ecclesiastica. Era de vasta comprehensão, tinha bastante queda para a poesia, que cultivou com gosto em os momentos de vagar; mas tão de raro publicava as suas producções, que apenas apparecem as consagradas á morte do rei D. João V, o que nos inhabilita de dar um juízo de melhor criterio sobre sua maneira de poetar.⁴⁴

Antonio Martins de Araujo Soares, que foi tão bravo militar como excellente poeta, segundo o dizer de um biographo nacional, nasceu na cidade da Bahia e viveu pelos annos do começo ao meiado do seculo passado.

Não seremos nós que o julgaremos por uma ou outra producção, despreendida do prelo como uma folha que se despega em seus peciolos de sua frondosa arvore, e que o vento arrasta de valle em valle e leva longe; todavia elle parece digno de lembrança, pois combinou o repousar da fadiga dos annos com o gastar horas pe [sic] ocio ao sabor da poesia.⁴⁵

Quanto à primeira passagem, não há muito que dizer. Talvez apenas indagar que função ela poderia desempenhar na economia desse *Mosaico*, uma vez que as informações biográficas são ínfimas e bastante vagas, e que os próprios autores se declaram impossibilitados de julgar criticamente a obra desse poeta por não terem acesso

às suas produções. Já a segunda, embora apresente as mesmas lacunas que a anterior, não pode deixar de ser apontada como uma peça exemplar de retórica no pior sentido atribuído a essa palavra nos dias de hoje, ou seja, o de um “discurso [...] ornamentado e vazio”, conforme a definição do *Dicionário Houaiss*, na edição de 2001.

E afinal, depois de ler os dois trechos, o que se verifica é que o último, apesar de mais longo, não fornece um número maior de informações sobre o poeta a que se refere. Mais que isso: pela expressão “uma ou outra produção”, é possível deduzir, já desde a primeira linha, que Norberto e Adêl estivessem, nesse caso, igualmente “inhabilitados de dar um juízo de melhor critério”, e pelo mesmo motivo. Restaria saber por que escrever todo um parágrafo só para sugerir isso...

No entanto, não é em meio aos paratextos que está o elemento mais surpreendente do *Mosaico poético*, mas sim na disposição dos próprios poemas compilados pelos antologistas. Depois de passar por uma introdução histórica; conhecendo as inúmeras críticas feitas ao *Parnaso* de Januário da Cunha Barbosa; e com o olhar certamente preparado por um modelo hoje tradicional de coletâneas desse gênero, é quase impossível não estranhar a falta de qualquer ordenação na apresentação das composições selecionadas. Os textos dos poetas parecem ter sido reunidos de forma absolutamente aleatória, não obedecendo a qualquer critério, seja ele cronológico, temático, por autor, etc. Há, por exemplo, inúmeros poemas de Antonio José espalhados pela antologia: três logo no início, um ou dois bem mais adiante, e, há inclusive duas composições distintas, mas que levam o mesmo título – “A Clori” –, separadas entre si por um número considerável de páginas. Por vezes, as já mencionadas “breves notícias” precedem um ou mais poemas do autor biografado; em outras tantas, não existe qualquer relação entre biografias e poemas incluídos na mesma página. Outro dado espantoso do *Mosaico* é a inserção da obra “Assumpção”, de frei Francisco de São Carlos, poema em oito cantos, que se estende da página 59 à página 133, ocupando, portanto, quase metade da antologia.

⁴⁶ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa; ADÊT, Émile. *Mosaico poético*, p. 6.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa; ADÊT, Émile. Algumas palavras sobre uma nova publicação. *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 13, p. 392, 1 maio 1844.

Como se pode observar, é flagrante o contraste entre a coletânea propriamente dita e o texto que lhe serve de introdução. Mais uma vez, porém, Joaquim Norberto – e Émile Adêt, já que o texto é assinado por ambos – apontava tal *desordem* desde as primeiras páginas do livro:

Tencionavamos a principio fazer uma publicação com o titulo de *Bibliotheca Brasileira*; não lhe podíamos porém dar a mesma variedade que ao *Mosaico Poetico*, que não traz seguidas todas as produções dos autores, posto que sempre completas havendo no fim do livro um indice para classificar-as.⁴⁶

Na verdade, é precisamente esse texto sem título e o artigo intitulado “Algumas palavras sobre uma nova publicação” – assinado por Joaquim Norberto e Émile Adêt, e publicado na *Minerva Brasiliense* – que permitem que se lance alguma luz sobre essa aparente discrepância. Pela leitura de um e de outro, é possível propor que haveria, no *Mosaico*, a tentativa de se configurarem dois campos distintos, embora complementares, e que podem ser designados por meio de termos empregados pelos próprios autores. O primeiro deles, correspondendo à “Introdução” – e, portanto, relacionado ao “Bosquejo”, como já se viu –, seria o *campo dos fatos*; o segundo, correspondendo aos poemas coligidos, seria antes o que se poderia chamar de *campo da expressão espontânea dos povos*.

Inspirados pelo “systema de Vico e de Herder”,⁴⁷ provavelmente por intermédio de Michelet, explicitamente citado no artigo da *Minerva Brasiliense*, os dois antologistas afirmam repetidas vezes que é “nos trabalhos do pensamento esparsos, primitivos, espontaneos dos povos [...] que hemos de encontr[ar]” as efetivas marcas da “nacionalidade de sua literatura”.⁴⁸ Nesse sentido, o livro que então publicavam, a exemplo do que faziam “as nações da Europa”,⁴⁹ tratava de recolher

essas primitivas obras caídas na singeleza do pensamento e do coração, essas produções em que respiram sentimentos da época, em que se acha, sob as letras mortas, as vidas dos antepassados.⁵⁰

⁵⁰-Ibid.

⁵¹-Ibid.

⁵²-Ibid., p. 393; grifos meus.

⁵³- THIBAUDET, Albert. *Histoire de la littérature française: de Chateaubriand à Valéry*. Paris: Librairie Stock, Delamain & Boutelleau, 1936. p. 163.

E à essa *exumação* dos textos dos séculos passados — para usar um termo tão caro ao historiador francês, cujas palavras foram escolhidas para encerrar esse artigo — vêm se somar ainda algumas “poesias modernas que perecer não devem para o edifício intelectual”.⁵¹

Enfim, nas próprias palavras dos seus autores, o *Mosaico poético* se definiria como “um fragmento histórico, precioso para todos aqueles que trabalham com consciência, que compreendem que “*não se penetra o espírito dos povos por simples fatos mas igualmente pelo pensamento que resuda das massas*”.⁵²

Antes de seguir adiante, vale esclarecer que, por mais que soe estranha ao leitor contemporâneo a idéia de que poemas compostos por um reduzido número de letrados, em sua maioria clérigos e bacharéis, possa ser considerada a expressão das massas, não se deve perder de vista que os textos aqui referidos são todos produzidos em plena vigência da chamada escola romântica. E, de acordo com o ideário dessa corrente, a poesia é a expressão por excelência dos sentimentos do eu, e ao poeta cabe dar voz a todos os homens. Talvez uma das melhores formulações dessa concepção seja o elogio que faz Albert Thibaudet àquele que era considerado o maior nome do romantismo francês, o poeta Victor Hugo. Este seria grande porque a sua obra “nada mais faz do que amplificar, recobrir de inesgotáveis imagens aquilo que pensa o homem comum”.⁵³

Ao que tudo indica, Joaquim Norberto e Émile Adêt fundamentaram o seu trabalho em duas convicções. A primeira delas é que ao coligir e publicar composições poéticas estariam contribuindo para configurar e divulgar aquele *campo da expressão espontânea dos povos*. A segunda, é que só pela aliança que se firma entre este e o *campo dos fatos* seria possível estabelecer a literatura de uma nação.

⁵⁴ MOREIRA, Maria Eunice. Um rato de arquivo: Joaquim Norberto de Sousa Silva e a história da literatura brasileira. In: ——— (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 356.

Considerada por esse prisma, a visão que rege o trabalho de Joaquim Norberto como antologista e historiador da literatura se afasta, em parte que seja, do que propunha Antonio Candido com relação ao trabalho da intelectualidade brasileira oitocentista. Pelo menos no caso desse autor, não se poderia falar de etapas sucessivas ou preparatórias que visassem a um projeto final de maior envergadura. Na verdade, a formulação de Roberto Acízelo, embora não desenvolvida, parece-me bem mais acertada: trata-se, sim, de duas *vertentes* de uma mesma atividade. Não se pode negar, é claro, que aquilo que Joaquim Norberto e Émile Adêt chamam de um “fragmento histórico” – no caso, uma coletânea de poemas – seria matéria para a constituição do *campo dos fatos*. Entretanto, importa frisar que isso não equivale a dizer que tal fragmento seja apenas uma etapa para a consecução desse campo.

É o que revela a própria estrutura do *Mosaico poético*, reunindo ambas as coisas em um só volume, apesar de dar mais ênfase ao *campo da expressão espontânea dos povos*, o que justificaria, inclusive, o fato de a sua introdução ser uma versão resumida de um texto que, originalmente, já era dado como um *bosquejo*.

Ora, o modelo que vai se firmar como dominante em termos de história da literatura apresenta invariavelmente esses dois pólos lado a lado, embora a ênfase se desloque para o *campo dos fatos*. Na verdade, os textos literários inseridos numa obra desse gênero, em sua maioria excertos, visam geralmente a ilustrar os fatos estabelecidos pela narrativa do historiador.

Inútil tentar especular como Joaquim Norberto teria lidado com essa questão no projeto de uma história da literatura que não conseguiu realizar. No entanto, cabe assinalar que, para além do que afirmava Silvio Romero a seu respeito, ele foi sem dúvida o primeiro a formular – no *Mosaico poético* e no artigo que se refere a essa coletânea – “o modelo de escrita [da] história [da literatura] que, nos anos posteriores, seria observado por outros historiadores”.⁵⁴